

Roberta Fernandes dos Santos. *As Missões de Maynas e a rebelião dos Piros e Cunivos em 1695.* Mestranda. PUC-SP.

As Missões de Maynas na Amazônia foram fundadas pelos jesuítas em 1638 com o propósito de servir aos interesses coloniais da monarquia espanhola que necessitava de “corajosos desbravadores dos territórios selvagens” e também de contingente populacional para efetivar a ocupação das áreas desbravadas; outra função que igualmente fazia parte dos atributos das reduções era a de preparar o indígena para sua integração no sistema colonial como mão-de-obra para as *encomiendas*. Entretanto, não podemos omitir o fato de que a atuação dos padres na região nem sempre seguiu à risca os objetivos da política mercantilista européia, eles demonstravam claramente que sua maior preocupação era com a “santa missão jesuítica” de conversão dos gentios no Novo Mundo.

A permanência dos inacianos na região se estendeu até 1768 e contou com o estabelecimento de 152 povoados que praticamente desapareceram após a expulsão da ordem neste mesmo ano. No Rio Ucayali constituíram-se apenas duas reduções - *Sant-iago de la Laguna* e *Santísima Trinidad de los Cunivos* - que ficaram sob encargo do padre Enrique Rickter de 1685 até 1695. Este tentou aglutinar nelas os diversos povos que habitavam as margens do rio, entre eles os *Piro* e os *Cunivo*, responsáveis pela rebelião que culminou com o assassinato do padre e o definitivo isolamento da área, mesmo após o envio de uma expedição punitiva de soldados espanhóis em 1698 que malogrou.

As Missões de Maynas contaram com uma enorme documentação escrita deixada pelos seus missionários. Estes escritos são compostos de relatórios, cartas, informes, crônicas e memórias, que registraram os momentos da colonização da Amazônia, a atuação dos padres nestas missões e a resposta dos índios frente ao contato. Estes eram essencialmente documentos apologéticos que procuravam, a todo momento, justificar a presença dos padres entre os índios e para isto era necessário que se registrasse os avanços da atividade missionária, bem como sua “heróica e santa” atuação; as privações, os medos, as dificuldades e sua “triumfante vitória” na conquista da amizade dos índios graças à ajuda incessante da Providência Divina, assim justificavam o santo trabalho missionário de salvar almas. As crônicas enfocadas nesta pesquisa foram escritas pelos padres, e não pelos índios. Certamente, conseguiremos apontar a “visão jesuítica da atuação indígena” presente nas cartas selecionadas. Basicamente delas emanam as vozes daqueles que, considerando-

se superiores tentaram abolir a cultura indígena. Sabemos que não podemos confiar em tudo o que os padres narram sobre os índios; mas, talvez por um deslize destes, eles acabaram registrando momentos em que as vozes que eles queriam calar apareciam ou de forma tímida, como sussurros, ou como gritos desesperados.

A chegada dos jesuítas na Amazônia

Com a finalidade de incorporar novas áreas aos domínios da coroa espanhola, encontrar metais preciosos e estabelecer encomiendas, os espanhóis iniciaram a fundação das primeiras cidades na região. Até 1570 as fundações se concentraram a oeste dos rios Maranhão e Huallaga, mas com o alastramento de algumas epidemias e ataques constantes dos grupos indígenas que se recusavam a trabalhar nas *encomiendas*, estas cidades logo foram abandonadas. Após 1574, a descoberta de reservas auríferas na região da Alta Amazônia revigorou o estabelecimento de novas cidades agora nas margens dos rios, posição que facilitava o trânsito de mercadorias e pessoas. Contrastando com o aumento da ocupação espanhola, a diminuição das populações indígenas foi alarmante pois provocou a insuficiência de mão-de-obra nas *encomiendas*. As *correrías*¹ foram a única solução encontrada para suprir essa carência.

No ano de 1616, numa dessas *correrías*, os espanhóis contactaram um grupo indígena de etnia Mayna, dos quais alguns acompanharam “voluntariamente” o regresso da expedição até a cidade de *Santiago de las Montañas*, fato que motivou o governador Diego Vaca de la Vega a solicitar ao vice-rei don Francisco de Borja y Aragon permissão para fundar uma cidade no território daqueles índios tão amistosos; ela foi concedida em 1619 e a cidade recebeu o nome de *San Francisco de Borja* em homenagem ao vice-rei. Após a fundação, os índios Mayna que habitavam a região foram divididos em *encomiendas*. Os Mayna desconheciam até então as formas de trabalhos que os espanhóis queriam lhes impor e não as aceitaram, o descontentamento inicial se agravou com a dispersão das primeiras epidemias trazidas pelos europeus que ocasionando a morte de muitos índios. A rebelião indígena não demorou a acontecer. Estourou em 1635 na cidade de São Francisco de Borja onde os Mayna mataram muitos espanhóis, tanto civis quanto militares, e se espalhou até o rio Maranhão. O mesmo governador que antes ordenou a fundação da cidade organizou uma expedição punitiva que saiu de Borja caçando e matando violentamente os índios rebeldes. Temeroso do resultado que tamanha violência poderia acarretar para o bom andamento do

¹ *Correrías* eram expedições para perseguir e capturar indígenas, transferi-los para os acampamentos mineiros a fim de trabalharem em proveito de um *encomendero* e, conseqüentemente, da coroa espanhola.

projeto colonizador, Diego Vaca de la Vega mandou chamar os jesuítas para servirem de apaziguadores. Os padres - Gaspar de Cugia e Lucas de la Cueva - chegaram à cidade em 1637 e iniciaram o processo de pacificação dos Mayna.

Neste mesmo ano, chegou também a Quito uma expedição portuguesa liderada por Pedro Teixeira que subiu o rio Amazonas desde Belém. Este fato causou grande espanto e temor aos espanhóis que teriam então que se preocupar com a concorrência lusitana no domínio das terras e mão-de-obra nativa.

Foi entre os índios de etnia Mayna que se fundou o primeiro aldeamento jesuítico na Amazônia no ano de 1638, depois de assegurada a paz. Também aos mesmos índios se deve o nome do complexo missionário estabelecido pelos jesuítas em toda a região do Alto Amazonas que compreendia parte do Equador, do Peru, e se estendia até as fronteiras com o Brasil: as Missões de Maynas. As rotas que saíam de Quito e chegavam nas Missões eram compostas de caminhos tortuosos, animais, insetos, clima adverso, falta de alimentos, epidemias, ataques de índios e a imensa diversidade cultural e linguística dificultavam a entrada dos padres e o estabelecimento de povoados; sendo assim, a maioria das missões foi fundada às margens dos rios para facilitar o deslocamento dos padres e de povos e o acesso ao colégio de Quito, responsável pela administração delas.

Primeiros contatos com os Cunivos e Piros e a fundação da Redução Santíssima Trinidad de Cunivos

Podemos observar no processo de avanço dos missionários para regiões amazônicas o que chamamos de ondas de reduções. Através da leitura e análise das fontes percebemos que a história da atuação dos padres jesuítas em Maynas pode ser dividida em períodos nos quais estes padres se empenhavam em avançar organizadamente pelo território. O primeiro período abarcou os anos de 1638 as 1685 e foi marcado pelo avanço missionário e estabelecimento de reduções no Rio Huallaga; dentro deste período tivemos a rebelião dos Cocama e o assassinato do Padre Figueroa (1666) e sua pacificação e aldeamento em 1669, também observamos as primeiras tentativas de avanço para o leste e os primeiros contatos com os Chipeo do Ucayali. O segundo período (1685 – 1695) ficou marcado pela fundação de missões *Santiago de la Laguna* e *Santíssima Trinidad De Cunivos* no Ucayali; é exatamente sobre este período que vamos tratar nesta comunicação. E um terceiro e último período que foi do fracasso no Ucayali em 1695 até a expulsão dos jesuítas da região em 1768.

Os Chipeo, os Piro, os Cunivo e outros povos de língua pano viviam nas regiões do Rio Ucayali (a leste do Rio Huallaga) e eram muito conhecidos pela sua belicosidade. As incursões dos missionários na região começaram após a rebelião dos Cocama, que foram deslocados para o Huallaga, com a procura de outros povos no Ucayali. Padre Lorenzo Lucero contactou e pacificou os Chipeo e fundou a redução de *Santiago de la Laguna* em 1669. Já em 1680 os povos aldeados foram atingidos por uma epidemia de varíola que matou muitos índios e causou a fuga de mais alguns. No resgate aos chipeos fugidos, Lucero encontrou, rio acima, com os Manamabobo que o levou até os Cunivo. Estes foram contactados e mostraram-se amigos. Mas a efetiva pacificação dos Cunivo só se deu em 1685 com a chegada do padre Enrique Rickter, alemão da mesma região de Fritz, que fundou a redução *Santíssima Trinidad de Cunivos*.

Em 1689 outra epidemia atingiu o povoado dos Chipeo e o padre teve que deixar os Cunivo para impedir a fuga dos Chipeo. Foi durante a ausência do padre que os Piro chegaram até *Trinidad de Cunivos* mostrando-se interessados em contactar o padre e receber seus “presentes” (objetos de ferro como facas, agulhas e anzóis), mas como não o encontram eles voltaram para as suas terras acima da missão. Ao retornar e tomar conhecimento do acontecido, padre Rickter mandou um índio aos Piro para avisá-los que os visitaria mas antes precisava ir até *Laguna* para buscar objetos de ferro. Mas, na trajetória, o padre adoeceu e não conseguiu completar sua jornada. Os Piro se mostraram insatisfeitos e ameaçam matar o padre e seus aliados caso eles não recebam os objetos desejados. O padre pediu então que os Piro viessem até a Missão dos Cunivos para pegar os objetos mas eles se recusaram e Rickter, para garantir a amizade com o grupo, se deslocou, chegou aos Piro, os presenteou e garantiu uma amizade temporária, como tudo na Amazônia.

Entre os anos de 1690 a 1692, os Cunivo acompanham Rickter em várias expedições pacificadoras dos Xíbaro rebelados e começaram a demonstrar ao padre certa insatisfação com a situação pois o estavam ajudando e não recebiam nada em troca. Mais uma vez o padre sofreu com suas enfermidades e se ausentou da Missão.

Seu retorno aconteceu em 1695, encontrando os índios completamente descontentes e rebeldes. Um índio de nome Enrique incitou os Piro e os Cunivo a se unirem contra o padre e logo após uma breve conversa, assassinaram Rickter. Após a morte do padre, os povos Piro, Cunivo e Chipeo fizeram uma aliança com outros grupos da região para impedir a entrada de espanhóis numa possível missão punitiva pelo Ucayali. Em 1698, o Capitão Diego de Armas comanda uma expedição mal sucedida contra esses povos que acaba com a morte de 90 índios amigos que

participavam da expedição e mais 19 espanhóis, entre eles o próprio Capitão. Desde então não se teve mais notícia dos povos do Ucayali.

Mas será que os povos indígenas da bacia amazônica foram completamente vencidos? Certamente não, a análise das nossas fontes revelam que eles encontraram formas de forjarem um espaço próprio de atuação, mostrando aos europeus que o sucesso ou fracasso de um projeto colonizador também dependia da sua vontade, como vemos aqui descrito:

“(...). Con grandísimo afan y sin poder dar paso llegué al paraje de los Asorunatoas (sic), (...) se atemorizaron con extremo, imaginando que eramos sus enemigos (...) y con este recelo huyeron muchos (...) les requerimos de paz, diciéndoles no temiessen, pues antes solicitabamos su amistad para defenderlos de sus contrarios, y que yo los buscaba para hacerlos cristianos y hijos de Dios. (...) y dijeron que yo era su padre, que serian cristianos y nuestros amigos. Pregunté luego por los caciques, á quienes di anzuelos, hachas y agujas (...).” (Santos, 1986, p. 353)².

Percebemos, através da observação deste caso e de outros não citados, como foram os avanços dos padres pelo Ucayali e também que as relações de amizade entre os diversos grupos indígenas e os padres jesuítas e o estabelecimento das reduções só foram possíveis nos momentos em que os índios as aceitavam e consideravam que ganhavam alguma coisa com isso.

A configuração dos acordos, a disposição das alianças ou as declarações de inimizade entre os próprios grupos nativos ou entre eles e os europeus demonstravam que a colonização da Amazônia e o avanço missionário na região eram condicionados pela manutenção do equilíbrio entre os interesses de ambos, tanto que a menor situação de descontentamento podia ter consequências desastrosas para os índios...

“(...) aportó á este Real una gran manga de indios gentiles xeberos de nacion (...). Salieron éstos de sus tierras en prosecucion del servicio que avian comenzado á hacer á los españoles, ayudándoles en la guerra contra maynas rebeldes (...). Y aunque por este servicio pudieran esperar premio y correspondencia, y vivir alentados con essa esperanza,

² As crônicas selecionadas para constituição do *corpus documental* dessa pesquisa foram publicadas pelo CETA (Centro de Estudos Teológicos de la Amazônia) na década de 1980 e estão organizadas na coleção MONUMENTA AMAZÓNICA Serie B (missionários) da Editora Abya-Yala, Iquitos, Equador. Trata-se de versões de textos anteriormente impressos na Espanha.

no solamente no la tenían, antes bien, poseidos de un horroroso recelo de los españoles, andaban caídos, tristes, amilanados y llenos de congoja y llanto. Poníales en estos estremos el aver visto tantos indios ajusticiados, tantos cuerpos desquartizados en los árboles y horcas, tantos desorejados, muchos desnarigados, desgarrados otros, cortadas las manos y piés qual y qual, llagados y desollados con açotes los que mejor librarán (...).”(Figuerola, 1986, p. 171)

... quanto para os conquistadores...

“Tierra tan rica de metales preciosos, posee el Xíbaro (sic), (...) que al primer paso del español se da por ofendido y sale á la venganza, unas veces de emboscada en lo más fragoso de la serranía (...) otras de frente á frente, impidiendo el paso á fuerza de lanza (...) otras saliendo de paz fingida, que suele ser el tiro más cierto con que suelen sair ricos de cabezas de españoles y amigos (...).” (Lucero, 1986, p. 333).

A partir da investigação documental e bibliográfica pretendemos analisar a administração do padre Rickter nas reduções do Ucayali entendendo que o contato, a fundação dos povoados e a permanência dos padres entre os índios representavam processos de mão dupla - pois reuniram em si sentidos e propósitos diferentes para índios e missionários - nos quais ambos tiveram seu espaço de atuação, mas também restrições dentro desses processos. Portanto, a rebelião de 1695, embora descrita pelos jesuítas, evidencia o momento em que os indígenas assumiram o papel de agentes históricos e impuseram um limite tanto ao projeto cristão de conversão quanto ao colonizador de dominação de terras e gentes. Fica evidente que esta pesquisa ainda não está completa pois nosso maior objetivo é entender justamente como se mantinha, ou não, este equilíbrio. Esperamos que até o final deste, estas questões estejam amadurecidas e para isso contamos com a ajuda dos presentes através de suas críticas e apontamentos.